

Mailson ainda aguarda credor

Maílson ainda vai esperar por atitudes concretas dos governos dos países credores, antes de utilizar a centralização cambial para cortar remessas ao exterior, a partir da definição de prioridade. O documento publicado pelo **Estadão** lembra que, no próximo dia 20, o presidente do Exibank do Japão virá ao Brasil assinar dois empréstimos e o ministro da Fazenda também confiará na disposição do Tesouro norte-americano de discutir alternativas para a dívida brasileira.

Se nada de favorável acontecer, o Ministério da Fazenda recomenda a apresentação da suspensão dos pagamentos da dívida de forma discreta, com demonstração de sua justificativa técnica e comunicação prévia aos principais governos credores e ao comitê de assessoramento dos bancos. Segundo a nota atribuída à Fazenda, o Governo brasileiro deve seguir os modos educados, sugeridos por Simonsen.

“Do ponto de vista político, a suspensão não confrontacionista dos pagamentos aos bancos pode ser entendida e absorvida pelos governos dos países credores. Uma suspensão generalizada dos pagamentos, no entanto, sem uma demonstração efetiva da sua necessidade, teria por efeito colocar contra o País tanto os bancos quanto os países credores e aumentar, assim, o risco, da adoção de medidas retaliatórias”.

Dentro dessa postura, o Brasil pode reter o pagamento aos bancos internacionais de US\$ 3,7 bilhões de juros da dívida de médio e longo prazo. Mas pagaria US\$ 700 milhões de juros da dívida bancária de curto prazo e também os serviços da dívida aos organismos internacionais US\$ (1,16 bilhão), com o FMI, Banco Mundial e Banco Interamericano de desenvolvimento, e aos credores oficiais ligados ao Clube de Paris (US\$ 1,15 bilhão). Os organismos internacionais ainda devem liberar US\$ 500 a 700 milhões, este ano, e a suspensão dos pagamentos ao Clube de Paris fecharia de vez o acesso do Brasil aos programas de financiamento do governo japonês (A.S.).